

A SEMIÓTICA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO BRASILEIRA: IDEIAS E TENDÊNCIAS¹

THEORIES SEMIOTICS IN SCIENCE OF BRAZILIAN INFORMATION: IDEAS AND TRENDS

Carlos Cândido de Almeida
carlosalmeida@marilia.unesp.br
Universidade Estadual Paulista

Resumo: A pesquisa sustentou-se na premissa de que as teorias semióticas estão presentes na composição teórica da ciência da informação no Brasil. O problema da pesquisa foi saber quais as abordagens e teorias semióticas presentes no campo da Ciência da Informação no Brasil. Objetiva-se analisar os trabalhos de autores brasileiros da ciência da informação de reconhecido destaque no campo da semiótica. Para tanto, recorreu-se a um estudo teórico-bibliográfico. Como resultados principais, constatou-se que os estudos semióticos, embora formado por um pequeno grupo de especialistas, mostram-se qualitativamente consistentes e colaboram para a construção de uma vertente semiótica na ciência da informação no país.

Palavras-chave: Semiótica. Ciência da Informação. Brasil.

Abstract: The research supported on the premise that semiotic theories are showed in the theoretical composition of information science in Brazil. The research problem was to know witch approaches of semiotic theories are in the field of Information Science in Brazil. The aim was to analyze the Brazilian authors of information science in the field of semiotics. We used for it a theoretical and bibliographical study. As main results, it was found that the semiotic studies, although formed by a small group of experts that are qualitatively consistent and collaborate to build a semiotic dimension in information science in Brazil.

Keywords: Semiotics. Information Science. Brazil.

1 INTRODUÇÃO

A estrutura epistemológica da ciência da informação é composta de um conjunto de disciplinas basilares que deram sustentação a construção inicial do campo que por razões diversas, encontram ou buscam nela um espaço para o pretendido entrosamento interdisciplinar. Esses espaços são modulados por pontos ou nós em que se entrecruzam as

¹Baseado em resultado de pesquisa realizada com apoio do CNPq (chamada MCTI /CNPq /MEC/CAPES Nº 18/2012 - Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas), Processo n. 406021/2012-0.

noções, as ideias, os conceitos e as teorias. Os pontos de interdisciplinaridade², ainda estão em pleno processo de desenvolvimento e precisam de uma análise cuidadosa com o objetivo de melhor entender as novas configurações da ciência da informação e, quiçá, aproveitar mais adequadamente os recursos teóricos dos outros campos.

No eixo coberto pelos assuntos ligados às teorias da linguagem, encontramos a semiótica – ciência dos signos na natureza e na cultura³ –, a qual teve seu relacionamento com a ciência da informação no Brasil marcado por alguns fatos importantes que, embora configuram apenas uma hipótese, merecem apreciação: primeiro, dos cursos iniciais até a década de 1950; segundo, dos anos 1960 até 1980 e; terceiro, dos anos 1990 até a atualidade.

Uma das raízes do estudo da linguagem empreendida pela ciência da informação pode ser ainda indicada, como, por exemplo, as disciplinas pertencentes aos cursos de biblioteconomia que introduziram a preocupação com o estudo da linguagem, ainda que em moldes linguísticos. Quanto examinamos o trabalho de Neilia Almeida (2012) percebemos que as disciplinas dos primeiros cursos de biblioteconomia já manifestavam esta preocupação, é o caso das disciplinas de Iconografia e Classificação, ministradas nas escolas do Rio de Janeiro e São Paulo, na primeira metade do século XX. Tais disciplinas abordavam as discussões de caráter semiótico, sem mencionar claramente uma filiação teórica. Apesar de os problemas em documentação requererem um procedimento semiótico para o tratamento de documentos não linguísticos (imagéticos etc.), ainda não se entendia como necessária uma disciplina que abrigasse tais problemas.

Essa hipótese de trabalho parece ser uma forma adequada de explicar o porquê de os conceitos semióticos forem vertidos primeiramente em jargão linguístico. Ao mesmo tempo, projeta a biblioteconomia brasileira como protagonista de incorporações e inovações conceituais, ainda que não houvesse pesquisas sistemáticas no nível da graduação sobre o

²Interação entre disciplinas que se dá no compartilhamento em vários níveis, dos comunicacionais, conceituais até os níveis mais teóricos e complexos que incidem na reformulação disciplinar, nas suas relações conceituais e teóricas. De acordo com Pombo, Guimarães e Levy (1993, p. 11), interdisciplinaridade significa um posição intermediária, intervalar, e deve ser mais que multidisciplinar e menos que transdisciplinar. As principais características da interdisciplinaridade são: a combinação entre disciplinas, a busca de uma síntese e a contínua cooperação de argumentos, metodologias, conteúdos, problemas, resultados, exemplos e aplicações (POMBO; GUIMARÃES; LEVY, 1993, p. 13). Pombo (2004, p. 5) define interdisciplinaridade dentro de um movimento geral das interações disciplinares, sob a metáfora de um *continuum* em que se incluem a pluridisciplinaridade, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade.

³As teorias semióticas contemplam as principais abordagens sobre os signos, a semiose (ação dos signos) e a significação no contexto humano e não humano. Desse modo, teríamos propostas teóricas não antropocêntricas, em que a semiose seria estudada de maneira a abarcar o mundo natural, como, segundo Noth (2005, p. 201) o comportamento *signico* de animais na zoosemiótica e dos processos microbiológicos na biossemiótica. Nas aproximações antropocêntricas, o objeto de análise é a semiose no contexto humano e cultural. Entre as diversas teorias semióticas estão as relacionadas a Charles Peirce (1839-1914), Ferdinand de Saussure (1857-1913), Louis Hjelmslev (1899-1965), Roman Jakobson (1896-1982), Roland Barthes (1915-1980), Algirdas Julien Greimas (1917-1992), Charles William Morris (1901-1979), Yuri Lotman (1922-1993), Umberto Eco (1932-2016), entre outros comentadores contemporâneos.

assunto. Esta sugestão sobre a história da inserção da semiótica nos currículos em biblioteconomia e na pesquisa em ciência da informação deve ser investigada futuramente de modo a responder a questão da trajetória das teorias dos signos na ciência da informação no Brasil.

Segundo, as primeiras contribuições concretas da semiótica datam da entrada dos conceitos linguísticos nos cursos de biblioteconomia na década de 1960 e 1970. Antes mesmo de contar com disciplinas e pesquisas em nível de mestrado em ciência da informação, que foram inauguradas em 1970, pelo então Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD), a biblioteconomia se encarregava de fomentar o conhecimento de linguística entre os profissionais através de seus docentes. Os conceitos semióticos, melhor apropriadamente, linguístico-semiológicos apareciam de maneira fragmentária, relacionados à ciência da língua e não voltados a uma ciência mais ampla para todos os sistemas de signos.

Por exemplo, em 1973, foi defendida uma dissertação de mestrado sobre a análise bibliométrica da língua portuguesa para representação da informação, de autoria de Elza Lima e Silva Maia, sob a orientação de Tefko Saracevic. O objetivo do trabalho foi corroborar a lei de Zipf para língua portuguesa, adaptando-a de outro idioma (DISSERTAÇÕES..., 1987). No referido ano, também foi apresentada a dissertação, de autoria de Manoel Adolpho Walderley, sobre as linguagens documentais e as implicações linguísticas da análise de conteúdo nos níveis sintático e semântico (DISSERTAÇÕES..., 1987). Esses estudos reforçam a tese de que nos anos 1970 já se estava em marcha uma base científica para o estudo da linguagem no campo da ciência da informação no Brasil.

Tal como entendemos, as teorias semióticas foram levadas a cabo inicialmente pelos estudos da linguística nos cursos de graduação de biblioteconomia. Os estudos de Castro (2002) e Mueller (1988) registram que no segundo currículo mínimo dos cursos de biblioteconomia brasileiros, de 1982, foram incluídas as disciplinas de teoria da comunicação, língua e literatura portuguesa e lógica. É provável que disciplinas desta natureza fornecessem conceitos básicos da teoria semiótica de orientação estruturalista, fazendo referência, sobretudo, à corrente linguística. Não obstante, essa primeira aproximação disciplinar, via teorias linguísticas, teve uma utilidade meramente instrumental, e não tanto de cunho explicativo (não sem-razão, lógica e língua portuguesa foram chamadas de matérias instrumentais).

Contudo, a partir da década de 1990 os cursos de graduação correlacionados à ciência da informação iniciaram a articulação conceitual necessária à fusão teórica. Com esse objetivo

foram propostos títulos de matérias que variavam grandemente, a saber: linguística aplicada à biblioteconomia, linguística e documentação e linguística documental. Esse fenômeno já caracteriza isoladamente a presença das teorias da linguagem de um modo geral, e de teorias semióticas, especificamente, na ciência da informação. Embora no início seu uso tenha sido operacional na ciência da informação, é possível enunciar seu papel elucidativo mais recente. Tais propostas de fusão disciplinar entre ciência da informação e linguística, além de muitas outras tentativas de arregimentar disciplinas no bojo da área, merecem um exame aprofundado.

Sabemos que muitas teorias semióticas incidem diretamente no ensino da ciência da informação. A formação em tratamento temático da informação em cursos de biblioteconomia e Arquivologia dos países circunscritos ao Mercado Comum do Sul foi objeto de análise realizada por Guimarães, Danuelo e Menezes (2003). Tal conteúdo curricular está permeado de discussões referentes aos processos de análise e de representação da informação com o objetivo de promover a recuperação de documentos. Essas são problemáticas influenciadas pela interlocução com as teorias semióticas.

Verificamos nas últimas décadas, principalmente a partir dos anos 2000, o surgimento de novas disciplinas acadêmicas, em especial, em cursos de graduação em biblioteconomia no Brasil, revendo a predominância da linguística no ensino dos estudos da linguagem, sob as expressões “semiótica e ciência da informação” e “semiótica da informação”⁴. Conquanto sugestivas as expressões utilizadas, a articulação que se aponta nem sempre é alcançada. O relacionamento disciplinar materializa-se também na prática do ensino profissional, consequência de uma tendência de entrosamento entre os campos que deve ser aprofundado a partir de pesquisas teóricas. As teorias semióticas são abrangentes, mas nem sempre têm explicitadas as interações conceituais com a ciência da informação.

⁴ O curso de biblioteconomia da Universidade Federal de Alagoas indica em seu projeto pedagógico a existência da disciplina eletiva “Semiótica da Informação” (4 créditos, 60 horas), cuja ementa versa sobre “Conceitos de semiótica. Os sistemas verbais e não verbais. A natureza complexa dos signos. Representação, linguagem e informação. Semiótica aplicada à Ciência da Informação.” (http://www.ufal.edu.br/estudante/graduacao/projetos-pedagogicos/campus-maceio/ppc-biblioteconomia.pdf/at_download/file). O curso de biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande, oferece a disciplina optativa “Semiótica e Ciência da Informação” (3 créditos, 45 horas), e entre os temas tratado consta “Semiótica e ciência da informação Objeto e campo da semiótica. Semiótica e semiologia. Teoria dos signos. Pesquisa semiótica. Semiótica aplicada à Biblioteconomia e Ciência da Informação.” (http://www.furg.br/bin/cursos/tela_gsl_visual.php?cd_curso=180#). No curso de biblioteconomia da Universidade Estadual Paulista é oferecida a disciplina optativa “Semiótica e Ciência da Informação” (2 créditos, 30 horas), que versa sobre “O campo de estudos da Semiótica. Os sistemas de signos verbais e não verbais. A natureza complexa dos signos. Abordagem semiótica da representação e da linguagem. Elementos de Semiótica aplicados à Ciência da Informação.” (<http://www.marilia.unesp.br/Home/Graduacao/Biblioteconomia/propostaprojetopedagogicobiblioteconomia---19-04-2012final.pdf>). Devemos acrescentar ainda que outras disciplinas de carácter geral, tal como “Teoria da comunicação”, têm apresentado conteúdos em semiótica.

A presença dessas novas disciplinas seria uma das formas de se identificar a inserção das teorias semióticas nos cursos relacionados à ciência da informação no Brasil, principalmente para fins de análise documental de conteúdo e da organização do conhecimento. Tratar o conteúdo de um documento para seu acesso futuro pressupõe conhecer o funcionamento da linguagem, a produção dos signos e de que modo dão origem a novos signos. Como os signos se relacionam uns com os outros e – sem esgotar as possibilidades – como os conceitos especializados podem ser concebidos como signos, constituem pano de fundo das metodologias de organização da informação e do conhecimento.

Por um lado, esses são problemas que interessam, sobretudo, aos estudiosos dedicados à organização da informação e do conhecimento, mas, por outro, a semiótica também interessa aos especialistas e profissionais da informação pois oferece uma resposta sobre como interpretamos o mundo em nossa volta e de que modo estamos restritos a condições sógnicas que orientam nossas possibilidades de comunicação da informação. Para a compreensão dos sistemas de organização do conhecimento e dos sistemas de recuperação da informação devemos reconhecer, de antemão, que a abordagem linguística, considerada unicamente, não tem se ocupado de todas as linguagens.

Na pesquisa intitulada “A presença das teorias semióticas na ciência da informação brasileira”, realizada entre 2013 e 2015, argumentamos que as teorias semióticas estão dispostas na composição teórica do escopo da ciência da informação na atualidade. Sendo assim, parece difícil responder aos problemas ligados aos processos informacionais relegando a segundo plano a abordagem semiótica, sem correr o risco de propor uma leitura assaz superficial das questões que envolvem a linguagem neste campo.

As diferentes contribuições das teorias semióticas apontadas anteriormente mereciam uma análise que destacasse as escolas, os teóricos e os conceitos pertinentes à literatura brasileira. Sendo assim, entre as questões que nos orientaram estão saber quais abordagens e teorias semióticas estão presentes na ciência da informação brasileira. Além disso, identificar os teóricos e os autores que compõem o pensamento da ciência da informação brasileira sobre a semiótica. A hipótese central da pesquisa sustentou que as teorias semióticas colaboram para a constituição epistemológica da ciência da informação no Brasil. Sendo assim, a pesquisa teve como objetivo a identificação e a análise das teorias semióticas presentes na literatura brasileira de ciência da informação. Para tanto, relacionamos, operacionalmente, como objetivos específicos: revisar a literatura que fundamentam epistemologicamente as teorias da Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.9, n.2, set./dez. 2016.

ciência da informação, examinar as principais escolas semióticas, identificar e sistematizar os conceitos semióticos utilizados e, discutir a inserção teórica das teorias semióticas e de seus teóricos no campo da ciência da informação no Brasil.

A pesquisa adotou como delineamento a pesquisa bibliográfica. A eleição das fontes de pesquisa (a - artigos de periódicos; b - trabalhos em anais de eventos e c - livros/teses/dissertações) relacionadas à ciência da informação foi orientada pelos temas: teorias semióticas, teorias semiológicas, epistemologia da ciência da informação, organização da informação, organização e representação do conhecimento, e outras expressões correlacionadas. Uma primeira apresentação mais quantitativa dos dados de autores e teóricos foi exposta em comunicação anterior (ALMEIDA; FARIAS, 2016), por esta razão, não resumiremos estes dados neste trabalho.

Nesta comunicação, apresentaremos a análise dos trabalhos de autores brasileiros destacados no campo da semiótica, de modo a entender as teorias semióticas manejados pelos especialistas da ciência da informação no Brasil. Assim, procuramos colaborar com as reflexões, em âmbito internacional, consagradas ao tema, especialmente, os trabalhos de Izquierdo Arroyo (1990, 1992, 1993, 1995), Izquierdo Alonso (2000, 2004), Izquierdo Alonso e Izquierdo Arroyo (2014), Mai (1997a, 1997b, 2001, 2000), Thellefsen (2002, 2003, 2004), Thellefsen e Thellefsen (2004), Raber e Budd (2003), Friedman e Thellefsen (2011), dedicados a universos acadêmicos tão distintos como o espanhol, o americano e o dinamarquês.

2 DAS IDEIAS E TENDÊNCIAS SEMIÓTICAS NO CAMPO DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO BRASIL

Nas próximas seções pretendemos examinar como as abordagens semióticas têm se manifestado nos estudos da ciência da informação no Brasil, conhecendo os temas e os autores. O objetivo foi revisar os estudos publicados nos últimos anos de autoria dos especialistas da ciência da informação que investigaram problemas semióticos. Cumpre mencionar ainda que estes chegaram aos estudos semióticos não por uma estratégia sistemática oriunda do ensino das profissões da informação (arquivologia, biblioteconomia etc.), mas de ações voluntárias de pesquisadores que chegaram à conclusão de que seus objetos de pesquisa não poderiam ser explicados apenas por uma única ótica. Desse modo, alguns desenvolveram teses e dissertações sobre o assunto em programas de pós-graduação em ciência da informação, e outros foram buscar em diferentes especialidades uma formação

mais consistente. É o caso, por exemplo, dos pesquisadores da ciência da informação que construíram uma formação específica em semiótica no campo das ciências da comunicação.

Notamos uma tendência à polarização quando o assunto é a semiótica, pois os autores da ciência da informação vinculam-se, em sua maioria, a uma abordagem semiótica. Pelo exame dos trabalhos em análise documental de conteúdo, notamos a presença da orientação teórica da linguística. Além disso, há uma conformação do conceito de linguagem à noção saussureana de sistema, isto é, a linguagem vista com base na noção de estrutura, pois esta corresponde à lógica das ferramentas de organização do conhecimento: sistemas de classificação, tesouros etc. Esta composição teórica tende a valorizar a análise das relações internas dos conceitos presentes em uma ferramenta, deixando em segundo plano a análise do processo de interpretação, isto é, como as pessoas atribuem significados em uma semiose e como tais processos interferem na construção de sistemas de organização do conhecimento e na recuperação da informação.

Contudo, outros objetos da ciência da informação exigem uma abordagem mais flexível e heterogênea, como é o caso da indexação de imagens, em que concorrem teorias, tanto com uma noção do texto e do documento de cunho estruturalista, quanto um entendimento de leitura e da interpretação como fenômenos sógnicos segundo a matriz semiótica peirceana. Quanto mais nos distanciamos da noção de estrutura de um texto – sistema linguístico – e damos passagem ao processo cognitivo, mais nos aproximamos da abordagem semiótica. De todo modo, o problema da indexação de documentos imagéticos exigiria uma teoria híbrida ou compósita, implicando mais que uma abordagem.

Uma análise das ideias semióticas deve basear-se na identificação dos elementos fundamentais registrados pelos autores em seus trabalhos. O que importou nesta fase foi detectar quais conceitos mencionados e como foram utilizados para explicar questões candentes na ciência da informação.

Com o intuito de sistematizar as ideias semióticas presentes na ciência da informação analisaremos as propostas, assim denominadas de maneira ilustrativa: 1) semiótica, linguística e linguagem documental (LARA, 1993, 1999, 2001, 2003, 2006; TÁLAMO; LARA, 2006); 2) semiótica, ciberespaço e organização do conhecimento (MONTEIRO, 2006; MONTEIRO; ABREU, 2010); 3) da semiótica na indexação à interoperabilidade semiótica (MOURA, 2006, 2011; MOURA; SILVA; AMORIM, 2002; ASSIS; MOURA, 2011, 2013) e 4) pragmatismo e semiótica peirceana na organização da informação (ALMEIDA, 2010, 2012; BARROS; CAFÉ; ALMEIDA,

2013; EVANGELISTA; GUIMARÃES; ALMEIDA, 2014). Esse autores foram indicados em razão das contribuições ao tema, mas sabemos que ainda não esgotamos todas as linhas disponíveis no universo brasileiro.

3 SEMIÓTICA, LINGUÍSTICA E LINGUAGEM DOCUMENTAL

Referente à abordagem representada principalmente por Lara, em diversos trabalhos, são muitos os conceitos de extração linguística e semiótica (semiótica peirceana e não peirceana) utilizados para compreender o funcionamento das linguagens documentais. Lara defendeu sua tese em 1999 em ciências da comunicação junto a Universidade de São Paulo, sob o título de “Representação e linguagens documentárias: bases teórico-metodológicas”, porém em sua dissertação, defendida em 1993, “A representação documentária: em jogo a significação”, a autora já manifestava seu interesse pelos temas semióticos e linguísticos aplicados à organização da informação. Lara é, certamente, uma das expoentes dos estudos da linguagem na ciência da informação no Brasil, uma das principais pesquisadoras que contribuem para o campo da análise documental de conteúdo e o desenvolvimento de linguagens documentais, destacando sempre as bases linguístico-semióticas destes.

De acordo com Lara (2006), no campo da ciência da informação, a abordagem linguístico-semiótica nos leva a compreender melhor uma linguagem documental, na condição de sistema de organização de um conjunto de signos (um sistema estruturado que constitui uma unidade em si mesma e que apresenta semelhanças e diferenças por oposição à linguagem natural e à linguagem artificial), bem como suas características e forma de funcionamento, enquanto sistema semiótico particular. Como é notório, a noção de sistema, como conjunto de relações, é tributária à linguística estrutural e aqui devemos discernir o ponto de vista sistêmico-estrutural da linguística de Saussure e a perspectiva processual de Peirce. No que tange aos conceitos peirceanos adotados na significação das informações no âmbito documental, isto é, semiose, a autora propõe-se a pensar o signo documental, um signo de conteúdo passível de restrição para desempenhar os objetivos da análise documental de conteúdo e recuperação da informação.

Associados à discussão, encontramos outros trabalhos de Lara (1993, 1999, 2003, 2006, TÁLAMO; LARA, 2006) que incorporaram conceitos de matriz peirceana, a saber: os tipos de interpretantes, as tricotomias de signos, as classes de signos e as categorias fenomenológicas. Além disso, inclui o conceito de interpretante, os casos de semiose, signo, índice, interpretante, Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.9, n.2, set./dez. 2016.

experiência e observação colateral. Entretanto, estes não estão articulados plenamente com a linguagem documental. Assim, a compreensão da linguagem documental, pelo viés semiótico, tem se mostrado difícil, pois a aplicação de cada um dos conceitos a este tipo de linguagem nem sempre é efetiva.

Um exemplo dessa aplicação foi procedido pelo conceito de signo documental, pois o interpretante seria guiado por um contexto social que determina a assimilação dos significados disposto em uma linguagem documental. “A LD funciona como interpretante ou conjunto de interpretantes que são desencadeados por referência a subconjuntos especializados dentro da linguagem geral. Esses subconjuntos, mais do que a LN como um todo, orientam a interpretação das unidades da LD e facilitam a formulação e a compreensão das mensagens documentárias.” (LARA, 2006, p. 26).

Nesse sentido, Lara (1993, 1999, 2003) tem destacado uma particularidade do signo e da semiose, cunhando as denominações: signo documental e semiose documental. Tais conceitos não sugerem ainda a criação de uma nova teoria, apenas apontam a uma convergência e combinação entre conceitos, mais apropriadamente, a aplicação de um conceito peirceano a um caso já instituído em que a convenção é predominante.

Por outro lado, notamos em Lara (1999) uma forte influência linguística quando objetiva operacionalizar os conceitos linguísticos à construção de linguagens documentais, voltando-se às noções basilares do estruturalismo clássico: estrutura, signo linguístico, sintagma, paradigma, plano de expressão, plano de conteúdo, sincronia, diacronia, língua, fala, forma e substância. No que se refere às linguagens documentais, Lara (1999, p. 156) concluiu: “A partir da noção básica de estrutura linguística, verificamos seu aporte fundamental para o desenvolvimento de metodologias de construção de linguagens documentárias baseadas num sistema de relações.”

A semiótica não peirceana, especialmente a de matriz linguística adotada por Lara, encontra abrigo no debate da interdisciplinaridade através da terminologia, campo que atuaria como mediador entre a linguística e a ciência da informação. Lara (1999, p. 132-133), explica que a terminologia é uma ciência que apoia a elaboração de linguagens documentais, pois responde ao formalismo e às necessidades pragmáticas. Seria na confluência da terminologia com a ciência da informação que se erige uma disciplina congregadora dos interesses linguísticos, semióticos e documentais, em resumidas contas, a linguística documental. “Se no plano teórico o diálogo entre Terminologia e a Linguística Documentária apresenta fundamento

consistente, na prática, ele pode sucumbir a empréstimos pontuais, concorrendo para a idéia da existência de relação direta e mecânica entre termos - unidades terminológicas e unidades documentárias - descritores, palavras-chave, entre outros.” (LARA; TÁLAMO, 2006, p. 3).

Sem entrarmos no mérito da epistemologia da linguística documental, algo que precisa ser alavancado certamente, destacamos apenas que Lara (2001) sustenta que a terminologia ajuda na definição de hipóteses de termos para as linguagens documentais, pois o trabalho terminográfico supõe a análise dos documentos, separando deles os termos-candidatos que devem estar dispostos em fichas terminológicas, em que se indicam as definições, os termos e os contextos de uso. Além da terminologia, a constituição dos fundamentos da linguística documental volta-se à semiótica – especialmente às dimensões da semiose de Morris - e à linguística estrutural (TÁLAMO; LARA, 2006). Apesar de menos operativas que a terminologia, semiótica e linguística estrutural constituem a base teórica da linguística documental, segundo as autoras; o que nem sempre é destacado pela literatura.

Sendo assim, já se anunciava a vinculação da linguística documental com a semiótica e linguística geral, fato este que muito se deve aos trabalhos de Lara, cujas três principais abordagens adotadas são a semiótica de matriz linguística, a semiótica peirceana e as dimensões da semiose de Charles Morris.

4 SEMIÓTICA, CIBERESPAÇO E ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Devemos registrar também os trabalhos desenvolvidos por Monteiro que discutem a aplicação da semiótica de matriz peirceana à organização do conhecimento e à indexação da informação na Web. Monteiro doutorou-se em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, cuja tese se intitulou “A Organização Virtual do Conhecimento no Ciberespaço: os agenciamentos do sentido e do significado”, defendida em 2003. A tese foi defendida na principal escola de estudos semióticos no Brasil, onde podemos encontrar as principais perspectivas da teoria dos signos, não obstante uma quantidade razoável de pesquisadores darem ênfase à matriz peirceana.

Referindo-se às bases semióticas, a autora tem realizado uma excelente contribuição com o exame dos conceitos semióticos de Peirce dos seguintes ramos: fenomenologia (categorias fenomenológicas), gramática especulativa (tipos e classes de signos) e lógica pura (tipos de inferência).

Monteiro (2006, p. 44) utilizou as categorias fenomenológicas e a classificação dos signos de Peirce para entender os conceitos conhecimento e informação. Fundamentando-se principalmente em Santaella, Monteiro (2006) revisou a pertinência das categorias para ciência da informação, contudo sem citar o desdobramento da Fenomenologia e, conseqüentemente, das categorias da experiência, na metafísica. “Percebe-se que só uma teoria com firmes bases filosóficas consegue explicar os processos semióticos, porque são a priori fenomenológicos, no universo das experiências humanas [...]”. (MONTEIRO, 2006, p. 45). As categorias não se referem apenas às experiências cognitivas do sujeito comum, apesar de retirar delas os exemplos mais ilustrativos, bem como o conceito de mente não ser equivalente à noção de mente humana.

No que tange à lógica de Peirce, a autora relaciona em seu estudo a divisão dos argumentos em abdução, dedução e indução (MONTEIRO, 2006), contudo, poderia esclarecer melhor a utilidade deste aspecto da obra de Peirce à ciência da informação. Na sequência, procura refletir sobre os conceitos informação, conhecimento e lacuna de conhecimento, tomando como pano de fundo a equação proposta por Brookes. A questão assim passa a não ser tratada em termos semióticos, pois a autora teoriza sobre a dinâmica da alteração de estados de conhecimento. O recurso à noção de hábito é considerado complementar, quando, na realidade, a lei da aquisição de hábitos seria a abordagem peirceana mais adequada para esta questão.

Sendo assim, a informação foi entendida como secundidade, e sua principal manifestação são os índices (MONTEIRO, 2006, p. 51), isto sugere que o nascimento da informação está no mundo externo, no universo do existente. O conhecimento, por seu turno, consistiria em um produto organizado de acordo com uma sequência, tendo como fundamento um princípio. A matriz categorial se completa com a terceiridade manifesta nos argumentos, representação, interpretação, mediação e semiose.

Monteiro (2006, p. 54) argumentou que o discurso científico seria um exemplo de conhecimento, e discorda das posições de teóricos da ciência da informação que apenas creem na existência do conhecimento como um produto cognitivo privado. Isso não significa que as informações não possam gerar conhecimentos, apenas que algumas informações podem exercer na semiose o papel de pivô da geração de novas cognições. Monteiro (2006, p. 55) argumenta que “não nos parece errôneo falar em “organização do conhecimento”, uma vez

que existem discursos “materializados” que visam a representar o conhecimento na sociedade, passíveis de organização, arranjo etc.”

Monteiro em estudo realizado em parceria com Abreu (2010) conseguiram reunir as matrizes da linguagem - sistematizadas por Santaella a partir da Gramática Especulativa de Peirce - com os processos de indexação da informação realizados no ciberespaço, classificando os sistemas de busca de acordo com os paradigmas sonoro, visual e verbal. Em síntese, os principais conceitos da gramática especulativa e da lógica de Peirce estão presentes nos trabalhos de Monteiro, o que comprova a filiação à semiótica peirceana mais que a vinculação à vertente linguística, a qual tem recebido duras críticas da autora.

5 DA SEMIÓTICA NA INDEXAÇÃO À INTEROPERABILIDADE SEMIÓTICA

Devemos agora dedicar um espaço para apresentar os trabalhos de Maria Aparecida Moura que é, certamente, uma pioneira das pesquisas semióticas na ciência da informação no Brasil. Moura doutorou-se em Comunicação e Semiótica na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com a tese “Semiótica e Mediações Digitais”, apresentada em 2002. Os interesses de pesquisa da autora são muito variados, abordando a organização do conhecimento no contexto das novas tecnologias, as mediações tecnológicas e a construção de linguagens documentais. O ponto central de suas pesquisas é a preocupação constante com os problemas ligados à linguagem e ao processo de significação. Apesar do ecletismo na escolha dos temas, notamos uma linha mestra quando trata da semiótica, isto é, o uso da matriz peirceana em detrimento da perspectiva linguística.

No artigo “A concepção e uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia”, de autoria de Moura, Silva e Amorim (2002), é apresentada a discussão do processo de produção de informação, tendo em vista a criação de instrumentos de organização e recuperação da informação que possam ser adequados às reais necessidades informacionais dos usuários. O estudo se propôs a identificar, caracterizar e precisar, do ponto de vista teórico, os pressupostos utilizados na construção de linguagens de indexação, tomando como base a semiótica e a semiologia. Nesse contexto, foi analisado como os indexadores se utilizam das linguagens de indexação e caracterizado as potencialidades do estudo da semiótica e da semiologia em vista do apoio à construção de linguagens de indexação.

Em um primeiro momento, o estudo apresentou uma preocupação com as inovações tecnológicas que motivaram as mudanças no âmbito do processo de organização e de

Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.9, n.2, set./dez. 2016.

tratamento da informação. Frente a isso, destacaram que embora tenha alcançado agilidades no que corresponde ao acesso à informação, esses avanços ainda não estão refletidos teoricamente. Salientam as autoras (MOURA; SILVA; AMORIM, 2002) que a diversidade temática resultante dos esforços de pesquisadores da ciência da informação, assim como as preocupações com processos de construção de linguagens de indexação, conquanto sejam recorrentes, ainda são negligenciados. Por isso, as autoras entendem que um bom instrumento de indexação requer um esforço coletivo dos profissionais da informação e de especialistas das áreas que tomam como foco a temática das linguagens.

Moura, Silva e Amorim (2002) verificaram a necessidade de articulações teóricas mais amplas visto que as preocupações de cunho teórico/práticas para com o fenômeno da linguagem não se resumem ao campo da ciência da informação e, por essa razão, é imprescindível o estabelecimento de relações interdisciplinares que propiciem o aprofundamento e ampliem as perspectivas de organização e recuperação da informação. Algumas questões foram expostas para o desenvolvimento do referido estudo, mas destacamos uma delas: “que contribuições a Semiótica e a Semiologia podem fornecer às linguagens de indexação?”

O propósito de levantar as contribuições da semiótica e da semiologia para a construção de linguagens de indexação decorre das autoras acreditarem ser possível identificar os elementos fundamentais para a reflexão do processo de construção e utilização de tais instrumentos. A escolha pela semiótica e semiologia se justificou pelo fato de ambas terem proporcionado o desenvolvimento de estudos que priorizaram a compreensão da constituição do fenômeno da linguagem e suas diversas manifestações. Tais estudos têm contribuído para repensar o papel da linguagem em diversas áreas do conhecimento em que a linguagem atua como objeto de estudo. Moura, Silva e Amorim (2002) acreditam que os resultados do referido estudo podem contribuir para a implementação de novas abordagens e metodologias para a construção de linguagens de indexação, que passem a considerar as novas tecnologias, assim como as mídias, principalmente, as necessidades e as exigências atuais dos sujeitos da informação.

As linguagens de indexação foram definidas pelas autoras como instrumentos auxiliares na representação e recuperação da informação. As linguagens orientam o indexador no uso dos termos para a representação de assunto de um determinado documento que direcionará, posteriormente, os pesquisadores à elaboração de estratégias de busca de informação. No

contexto dinâmico dos instrumentos de representação da informação as autoras verificaram uma complexidade no desenvolvimento dessas linguagens por visarem a mediação entre o usuário e as suas necessidades de informação.

Tal complexidade está no fato de parte dessas linguagens tomarem como princípio a garantia literária. Para tanto, Moura, Silva e Amorim (2002) buscaram, em um primeiro momento, levantar as contribuições da teoria semiótica e semiologia e, em um segundo momento, pensar a configuração das linguagens de indexação. Quanto à teoria semiótica, Moura, Silva e Amorim (2002) tomaram como base os construtos da filosofia de Peirce. Assim foram identificadas quatro categorias que mais se mostraram úteis para a compreensão das atividades que envolvem o movimento tradutório de representação informacional, no qual as linguagens de indexação atuam: a semiose, que corresponde ao sentido produzido; o signo, que com base na semiótica peirceana está vinculado à representação do objeto; o interpretante, enquanto conteúdo objetivo identificado na relação entre o signo e o objeto, mas que não pode ser confundido com intérprete ou ainda interpretação; por último, a observação colateral, a qual corresponde à experiência que o intérprete possui em relação ao que o signo denota. Quanto às categorias semiológicas, elas se mostraram gerais para os propósitos cogitados. A referência está no funcionamento dos signos no meio social. No entanto, a abordagem semiológica apresenta-se frágil na articulação conceitual e algumas vezes contraditória quanto a sua apropriação. A grande contribuição da semiologia está na noção de estrutura a qual evidencia que qualquer alteração de um dos elementos que compõem a língua provocaria mudanças no sistema linguístico.

As reflexões desenvolvidas permitiram ampliar as possibilidades de compreensão da representação da informação e para isso alguns temas surgiram como questões que demandam um estudo mais aprofundado. É o caso da compreensão do papel da experiência colateral do indexador nos processos de representação, além dos processos de ressignificação da informação em sistemas de informação e o investimento de arquiteturas e ferramentas de indexação que permitam aprimorar a experiência dos profissionais indexadores.

Vale ressaltar que no ensino de indexação e na construção de linguagens de indexação é importante incorporar a noção de semiose que, na perspectiva defendida pelas autoras, possibilitaria aos profissionais o entendimento do caráter dinâmico do conhecimento em sua interface humana. É imprescindível entender que, tanto a proposição dos sistemas conceituais quanto a sua utilização, resultam de processos de produção de sentido e, por isso, passíveis de

novas traduções. Nesse sentido, Moura, Silva e Amorim (2002) ressaltam a importância de se estabelecer interfaces entre a ciência da informação e campos correlatos, em vista a ampliar a concepção de seu objeto de estudo.

No artigo de Moura, intitulado “Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes”, publicado em 2006 em número especial da revista *Encontros Bibli* dedicado ao tema semiótica, a autora buscou evidenciar a questão interdisciplinar quando discutiu sobre as possíveis interfaces entre a ciência da informação e a semiótica, tendo em conta que a ciência da informação é um campo de conhecimento que se caracteriza pela interdisciplinaridade. A justificativa de tais interconexões resulta do fato da ciência da informação demandar uma melhor compreensão da informação no que diz respeito aos processos de significação.

O objetivo foi identificar os pontos de convergência entre a ciência da informação e a semiótica com a intenção de ampliar a compreensão do fenômeno informacional através das perspectivas teóricas e práticas. Diante do surgimento das redes mundiais de informação, da sofisticação e agilidade dos meios de produção e disseminação da informação, a compreensão dos processos de significação tornou-se um desafio da ciência da informação, pois o curso das últimas mudanças que envolve o fenômeno da informação destacou a necessidade de articulações teóricas tendo em vista que o fenômeno informacional não é exclusivo de uma área específica do conhecimento.

Para tanto, a ciência da informação é entendida como uma ciência voltada à compreensão dos fenômenos informacionais e se constitui pela aproximação com diversos campos do conhecimento. No estudo, a tentativa de estabelecer interfaces entre a ciência da informação e a semiótica é encarada como um grande desafio e a centralidade desse desafio parte da urgência para emplacar uma “virada semiótica”, tendo em vista a orientação dos estudos referentes aos processos informacionais.

Diante disso, a autora entende que a informação consiste em um dos objetos de estudos mais emblemáticos da teoria semiótica. A informação é definida como representações produzidas pela mente criadora e auxilia na relação expressiva com o mundo. Assim, a informação é tida como signo que se atualiza na interface com o sujeito.

Na perspectiva peirceana, a informação envolve um processo de aquisição de conhecimento. O conhecimento está caracterizado por duas dimensões: a informacional e a verbal. A primeira requer experiências amplas que possam ultrapassar a compreensão simbólica. A segunda está vinculada à dimensão simbólica. No contexto digital, as mediações

tornaram-se fundamentais nos processos de modelização dos contextos semióticos. Esses contextos auxiliam tanto pesquisadores como profissionais na compreensão dos processos de significação realizados pelos humanos em interação com os dispositivos tecnológicos. Por esse fato, a semiótica ganhou notoriedade a se apresentar como uma disciplina filosófica que busca explicar e interpretar o conhecimento no sujeito.

Ao discutir a interação entre a ciência da informação e semiótica, é importante sublinhar que a autora se deteve às contribuições semióticas da matriz peirceana. Sendo assim, a semiótica foi entendida como uma filosofia dos signos, pois estuda a essência genuína do signo. A tese central da semiótica peirceana, segundo comentário da autora, é que todo pensamento se dá por signos.

Quatro dos inúmeros conceitos presentes nos estudos de Peirce foram considerados úteis à compreensão das atividades que envolvem o movimento tradutório de representação do conhecimento no qual o profissional da informação assume papel central: a semiose, o signo, o interpretante e a observação colateral. Esse mesmo conjunto de conceitos constou na análise de Moura, Silva e Amorim (2002), mas Moura (2006) entende que tais conceitos podem fornecer uma contribuição efetiva à análise dos fenômenos informacionais. Os conceitos são relevantes porque ressaltam os aspectos de significação presentes nas relações que os sujeitos estabelecem com o conhecimento. Nesse sentido, eles podem ampliar o campo de atuação dos profissionais da informação na medida em que são compreendidos como elementos necessários para os processos sógnicos do universo informacional.

Antes de apresentar a ideia de semiose, a autora propõe a concepção semiósica, que se refere à consciência que o sujeito possui da ação de seu interpretante em outra mente, do movimento que este atribui, de forma consciente ou inconscientemente, para influenciar outra mente. Em outras palavras, é a forma como um sujeito busca intervir na semiose de outro por meio da interação com o sujeito intérprete.

A concepção de semiose nessa discussão é apresentada juntamente com a concepção de interpretação. Por semiose, define um produto resultante do processo natural do signo, o qual gera interpretantes ad infinitum. O processo de semiose sempre irá gerar algum interpretante, seja convergente ou divergente àquele presente na relação sógnica de base.

Ao longo da discussão, a autora buscou convencer os leitores sobre a relevância em se estabelecer interfaces entre a semiótica e a ciência da informação. Uma das reflexões que merece destaque é a sugestão de ampliar a concepção do objeto da ciência da informação,

tendo em vista que a informação, semioticamente definida, favorece o entendimento do fenômeno informacional. A intenção é munir a ciência da informação de bases semióticas para repensar o fenômeno da informação para dar mais atenção aos processos de significação em sistemas informacionais.

Assis e Moura (2011) na esteira da vertente semiótica voltada à organização da informação, analisaram a folksonomia (Social Tagging Systems). O trabalho buscou aproximar concretamente a semiótica de matriz peirceana à ciência da informação na explicação dos fenômenos informacionais, especialmente como a qualidade da informação é construída com base nas interações dos usuários na web 2.0. Foi dada ênfase à noção de qualidade de informação que, em geral, recebe uma compreensão quantitativa, contudo, carece de uma abordagem, segundo as autoras, que verifique outras variáveis, por exemplo, as redes sociais, a linguagem e a colaboração. No que respeita os conceitos, Assis e Moura (2011) trabalharam com os conceitos semióticos semiose, experiência colateral, concepção semiósica e cenário semiótico. Notamos aqui uma preocupação mais que revisionista, pois compuseram um vocabulário semiótico próprio aos problemas da ciência da informação.

Contudo, apenas os dois primeiros têm respaldo na abordagem peirceana, sendo que os dois últimos são desenvolvimentos aplicados. Assim, concepção semiósica e cenário semiótico seriam definidos como: “a concepção semiósica é caracterizada pela intencionalidade de um sujeito ao conceber uma estrutura ou cenário semiósico” (ASSIS; MOURA, 2011, p. 393) e cenário semiótico o “contexto no qual são geradas as condições de acesso aos conteúdos informacionais baseadas no estímulo à sensibilidade dos sujeitos propondo um percurso de significação” (ASSIS; MOURA, 2011, p. 394). Além disso, recorreram às categorias fenomenológicas de Peirce para descrever as dimensões dos sistemas baseados em folksonomia (SBFs), tais como: espaço social semântico (primeiridade), rede social (secundidade) e linguagem (terceiridade). Essas dimensões seguem às manifestações: estruturas sugestivas, estruturas relacionais e estruturas simbólicas. Nesse sentido, retomam o conceito de símbolo, também de matriz peirceana.

Posteriormente, Assis e Moura (2013), no artigo “Folksonomia: a linguagem das tags”, contemplaram a análise da linguagem em ambientes colaborativos que utilizam a folksonomia. O exame partiu da perspectiva fundamentada na semiótica e na análise de redes sociais. O aumento de elementos de colaboração, interatividade, linguagem e sociabilidade em rede, além de alterar a produção dos conteúdos informacionais, alteraram também as formas de

validação desses conteúdos, com uma tendência a explorar cada vez mais a linguagem natural e propiciar a participação dos sujeitos informacionais.

As autoras reconheceram que perceber a atuação desses sujeitos como mentes interpretadoras e propositoras de novos arranjos desafia os profissionais da informação pelo fato dos mesmos terem de repensar a construção de sistemas e metodologias para os processos de organização e recuperação da informação. O sujeito informacional seria reconhecido como um sujeito social que manifesta a sua subjetividade por meio do ambiente web. É um sujeito social e pragmático por construir suas relações por meio da linguagem e do compartilhamento de significados. Diante disso, Assis e Moura (2013) verificaram a alteração na concepção de um usuário passivo para um sujeito ativo e dinamizador dos fluxos informacionais. Tal característica decorre da necessidade dos sujeitos buscarem recursos que supram as suas necessidades de informação.

Com base no caráter sógnico que envolve as folksonomias e também em seu papel criativo atribuído ao sujeito informacional, o referido estudo orientou-se por alguns conceitos da semiótica peirceana que no entendimento das autoras propiciam explorar as manifestações das tags, assim como dos arranjos concebidos por usuários como defensores de cenários semióticos que exploram a experiência colateral e o hibridismo presente nas formas sógnicas para criação e manutenção de interfaces.

A partir da utilização das categorias mencionadas, o estudo destacou as tipologias sógnicas de Peirce: ícone, índice e símbolo, por considerá-las fundamentais. O ícone seria a manifestação sógnica que sugere seu objeto por semelhanças comuns, que está em um nível de primeiridade, pois compartilha de seus aspectos vagos, monádicos. O índice está no nível da secundidade, em que há uma certa materialidade ou causalidade. Por fim, o símbolo está em uma dimensão da terceiridade. As tipologias sógnicas permitem abarcar diretamente a linguagem de caráter verbal e não-verbal.

Ao compreender a natureza interpretativa da indexação e as complexidades decorrentes dos processos de indexação social em ambientes digitais, a semiótica foi considerada uma estrutura teórica e metodológica que fornece alternativas para o aprimoramento de sistemas formais direcionados para a organização da informação. A indexação social amplia a concepção de sujeito informacional na medida em que o reconhece como protagonista do processo de indexação e permite conceber e validar os termos e as dinâmicas da linguagem como resultado das práticas colaborativas, tendo em vista as ações de

representação da informação. De acordo com Moura (2011), foi tomado por referência a dinâmica de construção colaborativa de conceitos científicos existentes nos discursos e na comunicação científica no contexto contemporâneo da web no intuito de produzir um experimento do que chamou de interoperabilidade semântica a partir de uma ontologia semiótica.

Segundo a autora, há alguns anos evidenciamos o fortalecimento da concepção do conhecimento como linguagem e esse fato exigiu de teóricos da organização da informação um investimento intelectual aplicado às teorias da significação como possibilidade de ampliar a compreensão da representação temática em sistemas de informação.

Como visto, a semiótica peirceana tem papel de destaque nos estudos de Moura e se mostra compatível com os problemas recentes de organização e comunicação da informação no contexto digital. A interoperabilidade semântica, bem como o desenvolvimento de instrumentos de organização do conhecimento são problemas semióticos em razão dos processos ensejados pela tradução e representação do pensamento.

6 PRAGMATISMO E SEMIÓTICA PEIRCEANA NA ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Complementarmente aos trabalhos de Lara, Monteiro e Moura, destacamos os trabalhos que tem como enfoque a aplicação da semiótica peirceana à organização da informação, com especial interesse em concepções do pragmatismo, de Almeida (2010, 2012), Barros, Café e Almeida (2013), Evangelista, Guimarães e Almeida (2014), os quais se referem a diversos campos da ciência da informação, a saber: organização da informação, organização do conhecimento, mediação da informação, informação musical e linguagem. Essa diversidade de temas de estudo mostra, em primeiro lugar, que a semiótica de raiz peirceana está sendo utilizada para revisar conceitos já estabelecidos na área e, em segundo lugar, estão sendo introduzidas outras abordagens semióticas para pensar questões candentes, como a representação do conhecimento em contextos multiculturais.

A iniciativa encontrada nesses trabalhos trata de testar os conceitos semióticos em campos diversos da Ciência da informação, e ver a sua possibilidade de aplicação. Por exemplo, no caso da indexação na área de música, Barros, Café e Almeida (2013) discutiram o conceito de interpretante e como o interpretante emocional adequa-se ao caso da informação musical. Almeida (2010), apontou que os conceitos utilizados pela organização da informação e do conhecimento repousam na semiótica de Peirce, especialmente, nas categorias

fenomenológicas e nos conceitos básicos da gramática especulativa, lógica crítica e retórica especulativa. Ficou demonstrado que, em certos casos, por exemplo, com signo documental, semiose documental, modelo semiótico de indexação e na organização semiótica do conhecimento, manifesta-se um nível de combinação conceitual intermediário. O referido trabalho representa um esforço inicial de sistematização das linhas de inserção da abordagem peirceana na ciência da informação, destacando o contexto nacional e internacional. Com o mesmo interesse, isto é, de refletir sobre as contribuições da semiótica de Peirce para a representação do conhecimento, Evangelista, Guimarães e Almeida (2014) trataram de revisar a literatura do assunto e destacaram as contribuições dos trabalhos de autores brasileiros e dinamarqueses sobre a questão.

Almeida (2012), utilizou os conceitos de signo, semiose, tradução, representação iconicidade e hábito também sob a égide da perspectiva semiótica peirceana para argumentar que a atividade de mediação – em um nível realizada pelos profissionais da informação – é de natureza semiótica porque inclui em sua realização um intrincado processo cognitivo e de produção de significados, o que nem sempre é incluído como objeto de reflexão. “Assim, podemos começar a pensar na mediação em geral - e a mediação da informação, de forma específica – como uma especialização da comunicação, desenvolvida fundamentalmente por sujeitos humanos procurando solucionar problemas de comunicação de ordem técnica e sociocultural apoiando-se em signos e movimentos de tradução cultural.” (ALMEIDA, 2012).

Já o trabalho realizado por Barros, Café e Almeida (2013) procura lançar luz a um ponto ainda marginal no campo da organização da informação, a representação da música. Em outras palavras, os autores procuraram entender as dificuldades da representação da música e não apenas a representação dos documentos sobre música, os quais podem ser influenciados pela compreensão da experiência musical. Sendo assim, os autores enfatizaram a análise dos tipos de interpretantes com o objetivo de fundamentar os estudos sobre a informação musical e alavancar o nível de relacionamento interdisciplinar entre os campos. Os autores destacaram que a experiência colateral com a música influenciará a delimitação do interpretante e, conseqüentemente, a precisão do assunto. Além disso, os autores põem em evidência que os interpretantes imediato, dinâmico e final são conceitos imprescindíveis para compreender o processo de significação da música. Como exemplo, citam o caso do interpretante emocional: “Ao leigo, é provável que a música cause um efeito emocional mais acentuado (relaxamento, alegria, tristeza, etc.), já que este não tem condições de perceber os elementos do sistema

musical. Essas significações consistem no Interpretante Dinâmico de cada ouvinte.” (BARROS; CAFÉ; ALMEIDA, 2013). Nesse sentido, segundo Martinez (1993 apud BARROS; CAFÉ; ALMEIDA, 2013), as abordagens estruturalistas e da semiótica linguística não seriam aportes adequados para atacar os problemas de significação musical. Tais trabalhos, entre outros (REDIGOLO; ALMEIDA, 2012; SOUSA; ALMEIDA, 2012), procuram revisar os conceitos peirceanos oriundos do pragmatismo e da semiótica que seriam úteis à reflexão nos campos da organização e da mediação da informação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que os estudos semióticos, embora formados por um pequeno grupo de especialistas e de trabalhos levantados, mostram-se qualitativamente consistentes e colaboram para a construção de uma vertente semiótica na ciência da informação no Brasil. Lamentavelmente, outros trabalhos não puderam ser relacionados e analisados nesta breve comunicação por uma limitação de espaço, porém será objeto de ensaio futuro mais ampliado. Acreditamos que estas disposições teóricas estão a moldar a configuração epistemológica da ciência da informação, em especial, no campo da organização da informação e do conhecimento, tal como previamente aludido.

Não obstante, alguns autores não discutidos neste trabalho são de especial interesse à investigação semiótica em ciência da informação no Brasil e merecem nosso registro pelo potencial de suas contribuições, mas não foram instados nos parágrafos anteriores, a saber: Toutain (2005), Pato (2014), Barros e Café (2012), Vieira (2015, p. 44), Farias e Almeida (2014), Sabbag e Moraes (2015), Cândido, Moraes e Sabbag (2015), Guimarães, Moraes e Guarido (2007), Alves e Moraes (2015) e Pato (2014).

Pato (2014) propõe um procedimento para análise da imagem com base na semiótica peirceana, em especial, com os conceitos de ícone, índice e símbolo, chegando a resultados surpreendentes. Os trabalhos de Guimarães, Moraes e Guarido (2007), Sabbag e Moraes (2015), Cândido, Moraes e Sabbag (2015) vinculam-se à vertente semiótica greimasiana e buscam propor uma metodologia para análise textual com vista à extração do assunto dos documentos. Farias e Almeida (2014), por outro lado, estudaram as confluências entre a semiótica da cultura ou semiótica russa - especificamente os trabalhos de Lotman - e as abordagens socioculturais da organização da informação e do conhecimento. Nesse sentido, os

autores apontaram os conceitos de linguagem, cultura, texto, contexto, tradução e sistemas modelizantes como relevantes à organização da informação e do conhecimento. Segundo nossa avaliação, os trabalhos realizados no âmbito nacional estão em conformidade aos empreendidos em nível internacional, seja em termos da diversidade teórica ou dos temas abrangidos.

Não devemos deixar de observar os novos temas que exigem uma compreensão semiótica da ciência da informação, é o caso das denominadas abordagens semiótica computacional e semiótica organizacional. Esta última, por exemplo, estabelece interface com o campo da gestão da informação e do conhecimento no universo da área. A semiótica também funcionaria como campo mediador dos contatos disciplinares da ciência da informação com os estudos cognitivos e ligados ao processamento dos conteúdos intelectuais, afastando-se, assim, das explicações genéricas do suposto funcionamento da mente de usuários e profissionais da informação. Com o exposto tentamos circunscrever uma sistematização das ideias semióticas narrada qualitativamente.

Acreditamos que um ponto de vista particularmente semiótico dos problemas de representação da informação – entre tantos outros priorizados pela ciência da informação - poderá enriquecer a compreensão dos sistemas de informação em sua amplitude.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. G.; MONTEIRO, S. D. Matrizes da linguagem e a organização virtual do conhecimento. **Ciência da Infomação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 9-26, maio/ago. 2010.

ALMEIDA, C. C. A Biblioteconomia e a Ciência da Informação na taxionomia das ciências de Charles Sanders Peirce. **Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação**, Campinas, v. 3, n. 1, p. 1-19, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.sbu.unicamp.br/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/323/204>>.

ALMEIDA, C. C. **Charles Peirce e a organização da informação e do conhecimento**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

ALMEIDA, C. C. **Elementos de linguística e semiologia na organização da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

ALMEIDA, C. C. Índícios da presença de fundamentos semióticos na literatura da ciência da informação. **Scire**, v.20, n.1, p. 65-71, ene.-jun. 2014.

ALMEIDA, C. C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XIII., 2012, Rio de Janeiro, RJ. Anais... Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2012.

ALMEIDA, C. C. Mediação como processo semiótico: em busca de bases conceituais. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 5, p. 1-18, 2012.

Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação, v.9, n.2, set./dez. 2016.

ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação e do conhecimento. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 104-120, mar. 2011. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/405/265>>.

ALMEIDA, C. C. Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XI, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: PPGCI/UNIRIO, 2010.

ALMEIDA, C. C.; GUIMARÃES, J. A. C.. Análise Peirceana do Processo de Indexação: em busca de fundamentos para a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo, SP: USP, 2008.

ALMEIDA, C. C.; Sobre o pensamento de Peirce e a organização da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro, RJ: CPRM; UNIRIO, 2010.

ALMEIDA, C. C.; FARIAS, M. C. Q. S. Análise das teorias semióticas na ciência da informação brasileira: autores e teóricos. **Scire**, Zaragoza, v. 22, n. 2, 2016. (No prelo).

ALMEIDA, N. B. F. **Biblioteconomia no Brasil**: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2012.

ALVES, R. C. V.; MORAES, J. B. E. O modelo teórico do percurso gerativo de sentido para a elaboração de resumos de textos científicos: uma releitura do produto informacional resumo. In: GUIMARÃES, J.A.C.; DODEBEI, V. (Org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015.p.365-372.

ALVES, R. C. V.; MORAES, J. B. E. A dimensão epistemológica da análise documental de conteúdo de obras de ficção na organização do conhecimento. In: DODEBEI, V. ; GUIMARÃES, J.A.C. (Org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília, SP: FUNDEPE, 2015. p. 117-124.

ASSIS, J; MOURA, M. A. Indicadores de qualidade da informação em sistemas baseados em folksonomia: uma abordagem semiótica. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 12., 2011, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: UNB, 2011.

ASSIS, J. de; MOURA, M. A. Folksonomia: a linguagem das tags. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 18, n. 36, p. 85-106, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-924.2013v18n36p85/24523>>.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. A abordagem do conceito como uma estrutura semiótica. **Transinformação**, Campinas, v. 20, n. 1, p. 47-58, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/540/520>>.

AZEVEDO NETTO, C. X. Signo, sinal, informação: as relações de construção e transferência de significado. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 1- 13, 2002. Disponível em: <<http://www.informacoesociedade.ufpb.br/issuev12n202.htm>>. Acesso em: 05 maio 2005.

BARROS, C. M. de; CAFÉ, L. M. A. Estudos da semiótica na ciência da informação: relatos de interdisciplinaridades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 18-33, jul./set. 2012. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/1501/1050>>.

BARROS, C. M.; CAFÉ, L. M. A.; ALMEIDA, C. C. Informação musical e interpretação: contribuições semióticas para o campo da organização do conhecimento. In: ENCONTRO

NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XIV., 2013, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, SC: UFSC, 2013.

CÂNDIDO, G. G.; MORAES, J. B. E.; SABBAG, D. Análise documental de conteúdo e o percurso gerativo de sentido: na representação do documento de arquivo. In: GUIMARÃES, J.A.C.; DODEBEI, V. (Org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015. p.344-354.

DISSERTAÇÕES apresentadas no Curso de Mestrado em Ciência da Informação do IBICT/UFRJ. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 16, n. 2, p. 193-210, 1987.

EVANGELISTA, I. V.; GUIMARÃES, J. A. C.; ALMEIDA, C. C. A semiótica como subsídio para a representação do conhecimento: uma análise conceitual sobre o tema. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XV., 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014. p. 413-429.

FARIAS, M. C. Q. S.; ALMEIDA, C. C. Semiótica da cultura e abordagens socioculturais: possíveis diálogos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XV., 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014. p. 869-893.

FRIEDMAN, A.; THELLEFSEN, M. Concept theory and semiotics in knowledge organization. **Journal of Documentation**, v. 67, n. 4, p. 644-674, 2011.

GUIMARÃES, J. A. C.; DANUELO, J. C.; MENEZES, P. J. Ensino de tratamento temático da informação (TTI) nos cursos de Biblioteconomia do Mercosul: uma análise de capacitação e produção científica docente com vistas ao delineamento de políticas integradas para área. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003. 1 CD-ROM.

GUIMARÃES, J. A. C.; MORAES, J. B. E.; GUARIDO, M. D. M. Análisis documental de contenido de textos narrativos: bases epistemológicas y perspectivas metodológicas. *Ibersid*, Zaragoza, v. 1, p. 93-99. 2007.

IZQUIERDO ALONSO, M. ; SÁNCHEZ DOMÍNGUEZ, C. Los estudios de resumen documental en las ciencias de la documentación: un recorrido histórico desde sus orígenes hasta las teorías actuales. **Revista de Lingüística y Lenguas Aplicadas**, Valencia, v. 6, p. 209-227, 2011.

IZQUIERDO ALONSO, M. Nuevos enfoques en el estudio del tratamiento documental de contenido desde los presupuestos de las ciencias del lenguaje. **Scire**, Zaragoza, v. 6, n. 1, p.143-163, ene./jun. 2000.

IZQUIERDO ALONSO, M. Nuevos retos en el análisis documental de contenido: gestión de la forma documental del contenido. **Scire**, Zaragoza, v. 10, n. 1, p. 31-50, ene./jun. 2004.

IZQUIERDO ALONSO, M.; IZQUIERDO ARROYO, J. M. Entrevista a José María Izquierdo Arroyo, realizada por Mónica Izquierdo Alonso em Alcalá de Henares (Madrid), junio de 2014. **Scire**, Zaragoza, v. 20, n. 1, p.109-116, ene. /jun. 2014.

IZQUIERDO ALONSO, M.; MORENO FERNANDEZ, L. M. **El resumen documental**: un reto didactico. Madrid: ANABAD, 2009.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990. Tomo II - p. 243-506.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990. Tomo III - p. 507-871.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **Esquemas de lingüística documental**. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 1990. Tomo I - p. 1-242.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. La ciencia de la búsqueda documental secundaria. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 13, p. 87-111, 1990.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. Cuatro trabajos en curso. **Documentación de las Ciencias de la Información**, Madrid, n. 15, p. 35-65, 1992.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. De la semiótica del discurso a la semiótica documental. In: MORENO GONZÁLEZ, J. A. **Aplicación de las ciencias del texto al resumen documental**. Madrid: Universidad Carlos III, 1993. p. 199-216.

IZQUIERDO ARROYO, J. M. **La organización documental del conocimiento**. Madrid: Tecnidoc, 1995.

LARA, M. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set./dez. 1993.

LARA, M. L. G. Conceitos linguísticos fundamentais para a organização e disseminação de informações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2003.

LARA, M. L. G. É possível falar em signo e semiose documentária? **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º n. especial, p. 18-29, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

LARA, M. L. G. O unicórnio (o rinoceronte, o ornitorrinco...), a análise documentária e a linguagem documentária. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, dez. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez01/Art_03.htm>.

LARA, M. L. G. Representação e Linguagens Documentárias: bases teórico-metodológicas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2000, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: UNB, 2000. .

MAI, J-E. The concept of subject: on problems in indexing. In: McILWAINE, I. C. (ed.). **Knowledge organization for information retrieval: 6th International Study Conference on Classification Research**. The Hague: FID, 1997b. p. 60-67. (FID, n. 716).

MAI, J-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. **Journal of Documentation**, London, v. 57, n. 5, p. 591-522, sep. 2001.

MAI, J-E. The concept of subject in a semiotic light. In: SCHWARTS, C.; RORVIG, M. (ed.). **Digital collections: implications for users, funders, developers and maintainers**. Medford, NJ: Information Today, 1997a. p. 54-64. (Proceedings of the ASIS Annual Meeting; 34).

MAI, J-E. **The subject indexing process: an investigation of problems in knowledge representation**. 2000. 344 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) – Faculty of Graduate School of Library and Information Science. The University of Texas at Austin.

MONTEIRO, S. D. Semiótica peirciana e a questão da informação e do conhecimento. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º n. especial, p. 43-57, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006..

MONTEIRO, S. D.; GIRALDES, M. J. C. Aspectos lógico-filosóficos da organização do conhecimento na esfera da ciência da informação. **Informação e sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 18, n. 3, p. 13-27, se./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1775/2269>>.

MONTEIRO, S. O ciberespaço e os mecanismos de busca: novas máquinas semióticas. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a04.pdf>>.

MOURA, M. A. ; SILVA, A. P.; AMORIM, V. R. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da Semiótica e da Semiologia. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, PB, v. 12, n. 1, p. 1-22, 2002. Disponível em: <<http://www.informacaoesociedade.ufpb.br/issuev12n102.htm>>. Acesso em: 13 out. 2005.

MOURA, M. A. Ciência da informação e semiótica: conexão de saberes. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, 2º n. especial, p. 1-17, 2º sem. 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb>>. Acesso em: 15 out. 2006.

MOURA, M. A. Interoperabilidade semântica e a consolidação das ontologias semióticas na construção e uso de conceitos em ambientes digitais científicos. **ISKO**, Brasil, 2012. p. 71-77.

MOURA, M. A. Interoperabilidade semântica e ontologia semiótica: a construção e o compartilhamento de conceitos científicos em ambientes colaborativos online. **Informação e Informação**, Londrina, v. 16, n. 3, p. 165-179, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/10392/9288>>.

MOURA, M. A. Signi-fica ou signi-vai? as teorias da significação no campo da Ciência da Informação. In: REIS, A. S. ; CABRAL, A. M. (org.) **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007. p. 61-80.

MOURA, M. A.; SILVA, A. P.; AMORIM, V. R. de. A concepção e o uso das linguagens de indexação face às contribuições da semiótica e da semiologia. **Informação e sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 12, n. 1, p. 1-22. 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/160/154>>.

MOURA, M. A.; SILVA, A. P.. Identificação e Análise das Contribuições da Semiótica e da Semiologia para a Construção de Linguagens de Indexação - 1998 – 2000. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2000, Brasília, DF. **Anais...** Brasília, DF: UNB, 2000.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Avaliação do estado da arte da formação em Biblioteconomia e ciência da informação. **Ciência da Informação**, v. 17, n. 1, p. 71-81, jan./jun. 1988.

ORTEGA, C. D.; LARA, M. L. G. A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, abril 2010. Disponível em:< <http://www.dgz.org.br/abr10/F I art.htm> >. Acesso em 20 maio 2012.

PATO, P. R. G. Ícone, índice e símbolo, fundamentos para ler e organizar a informação em imagens. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, XV., 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2014. p. 488-508.

PEIRCE, C. S. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Ed. Hartshorne, Charles; Weiss, Paul; Burks, Arthur. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1958. 8 v. (re-impressão de Thoemmes Press, 1998)..

POMBO, O. Epistemologia da interdisciplinaridade. In: PIMENTA, C. (Coord.). **Interdisciplinaridade, humanismo, universidade**. Porto: Campo das Letras, 2004. Disponível em: <<http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/pontofinal.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em Revista**, v 1, n. 1, p. 3-15, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/liinc>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. Interdisciplinaridade: conceito, problemas e perspectivas. In: POMBO, O.; GUIMARÃES, H.; LEVY, T. **Interdisciplinaridade: reflexão e experiência**. Lisboa: Texto, 1993. Cap. 1, p. 8-14.

RABER, D.; BUDD, J. M. Information as sign: semiotics and information science. **Journal of Documentation**, London, v. 59, n.5, p. 507-522, 2003.

REDIGOLO, F. M. ; ALMEIDA, C. C. Algumas contribuições da perspectiva filosófico-semiótica de Peirce para a análise de assunto. **Datagramazero** (Rio de Janeiro), v. 13, p. 1-17, 2012.

REDIGOLO, F. M.; ALMEIDA, C. C. de. Algumas contribuições da perspectiva filosófico-semiótica de Peirce para a análise de assunto. **DataGramazero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, jun. 2012. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun12/Art_04.htm>.

SABBAG, D.; MORAES, J. B. E. Contribuições do percurso gerativo de sentido para a leitura documentária de textos narrativos de ficção. In: GUIMARÃES, J.A.C.; DODEBEI, V. (Org.). **Organização do conhecimento e diversidade cultural**. Marília: ISKO-Brasil; FUNDEPE, 2015. p. 355-364.

SAUSSURE, F. de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1970.4.

SOUSA, B. P. ; ALMEIDA, C. C. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. **Informação & Sociedade** (UFPB. Online), v. 22, p. 23-34, 2012.

SOUZA, B. P. de; ALMEIDA, C. C. de. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. **Informação e sociedade: Estudos, João Pessoa**, v. 22, n. 2, p. 23-34, maio/ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/12211/7755>>.

THELLEFSEN, T. L. Pragmaticism and the role of terminology. **Impact: an electronic journal on formalisation in text, media and language**, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.impact.hum.auc.dk>>. Acesso em: 05 maio 2007.

THELLEFSEN, T. L. Semiotic knowledge organization: theory and method development. **Semiotica**, v. 142, n. 1 / 4, p. 71-90, 2002.

THELLEFSEN, T. L. ; THELLEFSEN, M. M. Pragmatic semiotics and knowledge organization. **Knowledge Organization**, v. 31, n. 3, p. 177-187, 2004.

THELLEFSEN, T. L. Knowledge profiling: the basis for knowledge organization. **Library Trends**, v. 52, n. 3, p. 507-514, winter 2004.

TOUTAIN, L. M. B. B. Análisis semiótica de la información a través del Lenguaje visual. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, SC: UFSC, 2005.

VIEIRA, F. S. **Semiótica peirceana e Ciência da Informação: abodagens na publicação brasileira**. 2015. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Biblioteconomia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.